



JORNAL DA

UNIDADE CLASSISTA

UNIR AS LUTAS PARA EMANCIPAR A CLASSE

DEZEMBRO DE 2023



OS SINDICATOS, EM DEFESA DA SAÚDE

Avança sobre o sistema de saúde brasileiro a lógica da privatização, a fragilização dos vínculos trabalhistas e a falta de transparência no gasto de dinheiro público.

A terceirização dos aparelhos do SUS através de entidades supostamente sem fins lucrativos não é novidade, mas ganhou novo fôlego com a Reforma Trabalhista de 2017. Os liberais se apoiam em argumentos de austeridade e críticas à gestão estatal para impor um intermediário entre o orçamento público e o usuário do sistema. Sob a norma vigente, seria impossível gerir a saúde sem os parceiros privados.

Ora, que tipo de filantropia é essa tão interessante ao ponto de ser generalizada para todo o país? Capilarizada para cada município? Esse modelo, apesar de ser apontado por tribunais de contas, trabalhadores e usuários como falho, avançou a pesar das lutas de resistência nas últimas décadas, inclusive durante os governos petistas. O STF agora impõe a terceirização da atividade-fim, para a alegria dos patrões. A área econômica do governo tensiona para aprofundar o ataque à saúde do povo propondo suspender os pisos constitucionais.

Na prática, a terceirização da atividade-fim num sistema de saúde já terceirizado por contratos de gestão torna-se uma "quarteirização". Os trabalhadores da saúde já conhecem bem

essa prática, e com o assalariamento dessa categoria apresentou-se também a grande fragilidade desses trabalhadores diante do patronato. Calotes, demissões sumárias, profissionais sem direito a afastamento por doença ou licença maternidade.

Todo esse quadro ficou muito evidente durante a pandemia de COVID-19, inclusive com os escândalos de corrupção protagonizados por essas Organizações Sociais, com grave prejuízo da resposta à crise sanitária. A provisória situação de pleno emprego da categoria médica ainda a protege de abusos maiores. Esse não é o caso das outras categorias de trabalhadores, como no caso da enfermagem, sob constante ameaça da pejetização desde a aprovação do seu merecido piso salarial nacional.

Em defesa de melhores condições de trabalho e controle político no SUS, os sindicatos dos profissionais da saúde são capazes de conquistar avanços na luta por saúde pública e de qualidade. Na Unidade Classista, acreditamos que os trabalhadores do setor saúde, unidos são capazes de varrer para longe esses parasitas do setor privado do orçamento público.

UC SIMESP

**UNIDADE CLASSISTA!
FUTURO SOCIALISTA!**



www.unidadeclassista.org.br



[@unidadeclassista_nacional](https://www.facebook.com/unidadeclassista_nacional)



[@unidadeclassista_oficial](https://twitter.com/unidadeclassista_oficial)



[@unidadeclassista_oficial](https://www.instagram.com/unidadeclassista_oficial)



NO FUNCIONALISMO PÚBLICO NÃO HÁ EXPLORAÇÃO?

Sabemos que nos serviços públicos, em geral, não há produção de mais-valia nem geração direta de lucro, diferentemente das empresas estatais, mas isso não significa que não haja exploração. Os mesmos mecanismos de extração de mais-valia absoluta e relativa têm sido utilizados igualmente para aumento da exploração de servidores públicos, porém diferentemente do que ocorre com os trabalhadores da iniciativa privada, isso não acontece para aumentar, diretamente, o lucro dos patrões, mas no intuito de fazer “sobrar” dinheiro ao pagamento de juros dos grandes “credores” do Estado (o famoso superávit primário).

Com exceção dos direitos adquiridos, em especial no que se refere à maior estabilidade, a lógica à qual está submetido o funcionalismo público não é muito diferente daquela imposta aos trabalhadores da iniciativa privada. A formação econômica no Brasil, fundada em moldes escravistas, propaga a ideia de que qualquer direito adquirido pela classe trabalhadora é privilégio e, nessa lógica, a pecha de vagabundos e preguiçosos pregada sobre o funcionalismo público persiste, e os servidores vivem uma constante batalha por melhorar sua condição de trabalho e recompor as contínuas perdas salariais.

Nossa primeira tarefa é superar o discurso ideológico de que o Estado está quebrado e que não há dinheiro para políticas públicas e reajustes salariais. Para ilustrar, basta lembrarmos que, com a pandemia de covid-19, o governo injetou mais de R\$ 200 bi em um suposto “país quebrado”. Enquanto não conse-

guirmos romper com esse discurso ideológico, permaneceremos de mãos atadas, assistindo aos grandes detentores de títulos da dívida pública ganharem muito dinheiro de forma fácil, enquanto o arrocho dos recursos é deliberadamente imposto à maioria da população.

Existem, sim, recursos para nossa recomposição salarial e melhoramento das nossas carreiras e, ainda, para gastos sociais e investimentos! Ocorre que isso depende de nossa força para enfrentar as classes dominantes. E nossa força se mostra pela mobilização, pelos sindicatos fortes e pela nossa capacidade de organizar as lutas dos trabalhadores! Precisamos pressionar o governo para que este, por sua vez, seja impulsionado a peitar os privilégios das classes dominantes. Por fim, é importante destacar que reposição salarial para servidores (as) significa valorização do serviço público para a classe trabalhadora brasileira.



contribua com a
UNIDADE CLASSISTA

Use o QR Code do
Pix para pagar

Abra o app em que vai fazer a
transferência e escaneie a imagem.



Ou digite a chave de email:

chave pix

unidade.classista@protonmail.com